

RAIMUNDA KANINDÉ: A LÍDER INCONTESTE, A INCENTIVADORA DA EDUCAÇÃO DO SEU POVO — PRESENTE, AGORA E SEMPRE!

RAIMUNDA KANINDÉ: THE UNDISPUTABLE LEADER, THE ENCOURAGER OF HER PEOPLE'S EDUCATION — PRESENT, NOW AND FOREVER!

Jaianne de Sousa Rocha¹

Este panegírico é uma forma acadêmica honrosa de *femenagear* a querida e inesquecível líder indígena **RAIMUNDA KANINDÉ**, a quem tive o privilégio de chamar de avó por quase 30 anos, e que se elevou à Encantaria Sagrada no dia 09 de fevereiro de 2023.

A **Revista KIXARÁ** respeitosamente permite-nos laurear a memória de pessoas especiais nesta seção, a de panegíricos, e, no nosso caso, povos originários, que o façamos em nossas próprias línguas se o quisermos — sendo um dos poucos periódicos, quiçá o único no Brasil que trabalha com a publicação de produtos acadêmicos em línguas indígenas.

Assim, as linhas que seguem são dedicadas, com muito amor, a esta mulher que fez e faz a diferença na história do nosso povo: os Kanindés...

Ela tinha 74 anos. Poderia viver o dobro mais, contudo, coube aos encantados levá-la sem considerarem a dor que nos causariam. Mas entendemos o ciclo. Todas e todos temos as nossas trajetórias a percorrer nestas paragens e sabemos que elas são finitas, que nada levamos daqui que não sejam os frutos das sementes que lançamos ao solo da vida.

Vida... Essa é a palavra que melhor define Raimunda Kanindé... Ela trouxe sete vidas ao mundo e proporcionou a mudança na vida de nossos curumins e jovens por meio da **EDUCAÇÃO**. Analfabeta, sabia do valor do saber que a escola proporciona e que as chances de realização pessoal e profissional fora da aldeia somente poderiam ser dar pela escolarização.

Foi essa a motivação que a fez, juntamente com seu marido e meu avô, Expedito Oliveira Rocha, um rezador e guardião da memória do Povo Kanindé, transformar o alpendre de sua casa em uma sala de aula multisseriada — tal como ocorria nas casas-escolas das educadoras leigas rurais do século passado, nas chamadas “Escolas Isoladas”, na zona rural, que faziam o contraponto com os “Grupos Escolares” citadinos.

¹ Mestra pelo Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em História e Letras (PPGIHL/FECLESC/UECE), Campus Quixadá. Militante indígena, professora de escola indígena, formada em Pedagogia e em Licenciatura Intercultural Indígena. E-mail: jaianne18@gmail.com.

A verdade é que eu não imaginava que lhe teceria um panegírico tão cedo, mas a inquebrantável lembrança da sua voz doce e do seu sorriso largo e acolhedor traz à tona a certeza de que vivenciei, mesmo que por pouco tempo, um dos mais belos fenômenos da Mãe Terra: **a magia do amor em sua forma mais pura.**

Na aldeia, um silêncio doloroso ainda persiste, mesmo após dois anos de sua ausência física; o toque do tambor e o ecoar das maracas foram silenciados à revelia e extemporaneamente, criando um vazio desesperador em nós, que não esperávamos perdê-la como a perdemos. A sua partida repentina arrancou o chão sob os nossos pés.

E assim foi... Em um dia ensolarado, como tantos outros, quando ela parecia tão normal, tão sadia, tão viva, a vida deu espaço à falta da existência para essa mulher que é, para todas e todos de nossa aldeia, a Aldeia Gameleira, um dos maiores exemplos de humildade, bondade, determinação e sabedoria. Como um relicário dos nossos saberes ancestrais, ela tanto plantou quanto colheu todas as virtudes que regou com amor, estimulando o poder da coletividade.

Naquela sexta-feira, ela se dirigiu à escola, falou com quem encontrou, sentou na calçada de forma discreta e, em seguida, sentiu que havia chegado a sua hora de partir. Após sentir-se mal, foi levada ao hospital por mim e, após algumas horas, recebeu alta e pediu-me para que passássemos na rezadeira que sempre a atendia. Despediu-se de alguns amigos que encontramos no caminho e nos dirigimos para a sua casa. Eu ainda estava aliviada do susto que tivemos com ela logo cedo pela manhã, mas meu alívio não durou muito — infelizmente.

Ao retornar ao lar, ela pediu um banho de ervas com cumaru e alfavaca. Vestiu seu vestido claro com rosas, e, na sequência, passou mal novamente, mas, daquela vez, não haveria como salvá-la. Foi nos meus braços que ela exalou o seu último alento. Depois disso, em um misto de desespero e gritos, escutamos apenas o silêncio da solidão que nos restou.

Até então, como em todos os dias, ela me acordava como de costume: deixando o café da manhã pronto para que eu pudesse tomar antes de ir ao trabalho. Eram raras as vezes que não conseguia parar para aquele momento, e, inacreditavelmente, aquele foi um desses dias — quando a pressa sobrepuja os afagos para não se “perder tempo”. Até hoje me pergunto o porquê de eu não haver parado naquele dia para saber se ela havia dormido bem, se estava melhor daquela dor que sempre a acompanhava, mas que os exames nunca revelaram o que era.

A pressa do cotidiano me impediu de desfrutar daquele último desjejum feito por ela — um gesto simples, mas que agora se transforma em noites sem sono e lembranças que me assombram pela certeza de que não podemos deixar que a vida sobressaltada de urgências nos roube o que existe de mais sagrado: o tempo precioso com a nossa família.

Que falta fazem as suas brincadeiras e o seu jeito de nos esperar à porta. Dói imensamente entrar na escola que ela fundou e não a ver passando pelas salas, espalhando aquele bom dia contagiante para as crianças. Sua presença iluminava o ambiente; sua falta deixou um vazio que ecoa em cada canto. Para nós, Povo Kanindé, a sua presença espiritual vive: ela se apresenta no cantar dos pássaros, no barulho das águas, na formação das nuvens e, principalmente, nos nossos rituais sagrados.

Sua transição desta Existência para a Eternidade foi leve e serena. O rito que marcou o seu encantamento e a sua mística de purificação foram um tributo à ancestralidade, uma história que transcende palavras e que ressoa na memória de todos nós que estivemos com ela, sem acreditar que estávamos a perdê-la.

Não tive tempo para aquele café, mas as mãos suaves do destino teceram o momento certo e a hora exata na qual eu estaria com ela para acompanhar o seu processo de encantamento. Fui eu quem ouviu as confidências que ela jamais contaria a outros, minutos antes de exalar o seu último suspiro. Recordo de ter deitado sua cabeça em meu ombro e sentido suavemente uma brisa leve sobre nós duas.

Como não pude entender os sinais espirituais que tive naquele dia? Como não percebi que aquele era o seu adeus? Entendo somente agora que aquele fora a única forma de eu ter sido poupada, naquele momento de pura dor, quando eu tive que ser a força da minha família e do nosso povo — mesmo estando profundamente abalada e ferida de morte — uma morte simbólica, mas que traz em si um luto real.

Entre os tantos porquês que povoam o meu coração, quero, com a alma ainda encharcada de lágrimas, expressar minha sincera e visceral gratidão a essa mulher por quem sou profundamente grata por ter tido o privilégio de desfrutar da vida com ela ao lado durante quase três décadas, por ter sido testemunha da sua luta incansável em defesa da nossa Etnia.

Cada ensinamento sobre a história dos nossos ancestrais, cada narrativa por ela compartilhada retumbam como ecos de resistência e esperança, tecendo o saber que constituímos junto a ela ao longo de todos esses anos de luta.

O meu muito obrigada à Encantaria Sagrada por havê-la tido como avó — mãe duas vezes — e por ela haver sido e continuar sendo a luz que ilumina o meu caminho...

Sua força e determinação serão as inspirações que me guiarão até o meu último sopro de vida, ensinando-me a trilhar uma trajetória de lealdade e respeito ao próximo. Em cada passo que eu der, carregarei a sua sabedoria; a memória de sua luta pulsará eternamente em meu ser como o canto ancestral que é e que nunca se apagará.

Raimunda Kanindé — PRESENTE, AGORA E SEMPRE!

COMO CITAR ESTE PANEGÍRICO:

ROCHA, Jaianne de Sousa. Raimunda Kanindé: a líder incontestada, a incentivadora da educação do seu povo – presente, agora e sempre! **Kixará**, Quixadá, v. 2, n. 2, p. 87-90, maio/ago. 2025.

Submetido em: 31/10/2025

Aceito em: 13/12/2025

Publicado em: 19/12/2025

Edição: Yls Rabelo Câmara

Diagramação: Francisco Edvander Pires Santos



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Compartilha Igual 4.0 Internacional